

## *O que Jack Sparrow já sabia*

25/07/2012\* por Paulino Michelazzo – paulino@michelazzo.com.br

Brasileira é conhecida pela abundância. No carnaval, na Internet, na praia ou em Hollywood, brasileira não perde a oportunidade de apresentar os dotes físicos e convenhamos, elas tem de sobra para mostrar.

E o Peru, sem trocadilhos, foi agraciado com um pouco desta visão nesta semana. Num protesto contra a pirataria de seu livro na terra dos Incas, uma brasileira resolveu tirar a roupa diante da sede do governo peruano e escrever no corpo bem ao estilo das meninas ucranianas do Femenem. Sem dúvida nenhuma fez barulho, seja pelo ato, seja pelos dotes da representante tupiniquim.

Feliz ou infelizmente, e tal como a grande parte dos protestos contra a pirataria, foram somente quinze minutos de fama que ficarão na memória pelas fotos publicadas na mídia mundial e não pelo ato em si. Brigar contra a pirataria é tão eficiente quanto malhar ferro frio; cansa e não resolve nada.

Ao contrário do que pregam, a cópia não autorizada, chamada de pirataria, é resultado do próprio modelo imposto por aqueles que durante anos ditaram à sociedade o que se vai ler, o que se vai ouvir, o que se vai ver. Mais que isso, também ditavam o quanto teríamos que pagar pela “oportunidade” de ter acesso a informação e de que forma teríamos este acesso. Mas a fila anda e veio a Internet que rapidamente se tornou a carta de alforria deste modelo. Pior; descentralizadamente, obrigou aqueles que nos diziam o quê e como fazer, a mudar postura e modelos diante da morte anunciada.

Decerto que não soltariam o osso com facilidade pois não dá para mudar a visão da obtenção de altos lucros de uma hora para outra. Por isso e por não poderem competir com algo “anarquizado” em totalmente mutável, resolveram apelar para leis mais rígidas contra os chamados “piratas” ou ainda utilizar protestos como o da escritora. Ações inocuas que geram reações adversas como o surgimento de novas formas de “pirataria” ou compartilhamento de conteúdo.

A solução então é aproveitar a nova ordem e tirar proveito dela. A Apple percebeu isso e criou uma lojinha para vender músicas onde fatura bilhões de dólares anualmente. Tudo legal, tudo correto. A diferença? Escala e mudança no tamanho da fome. O mesmo acontece com a Amazon que mudou o draconiano modelo de venda e publicação de livros e tira o sono das livrarias brasileiras com sua anunciada chegada no mercado nacional (mas isso não quer dizer que ela é boazinha). Com a promessa de reduzir os preços para o usuário final e ampliar a oferta, em maior ou menor escala, o que veremos é o mesmo

que foi visto nas grandes gravadoras americanas: ou adapta-se a realidade do concorrente e do mercado ou... morre.

A pirataria vai continuar, ponto. Não importa se no Brasil, na Alemanha, na Mongólia ou no Peru; se tirando a roupa ou criando leis rígidas. Ela continuará porque, ao contrário do tráfico de drogas que precisa levar do ponto A para o ponto B um determinado produto, livros, músicas, revistas e vídeos digitalizados trafegam na velocidade da luz sem fronteiras e sem limites. Mais que isso, a sociedade percebe o quanto foi explorada durante décadas e vai à forra.

Para alguns, a rede é um algoz. Para outros, a liberdade de expressão e apresentação de novos conhecimentos e qualidades. Não longe está o tempo em que duas emissoras de rádio ditavam os hits do momento ou que quatro editoras diziam o que é bom para se ler ou não. Com a Internet, a tomada de decisão muda de lado e com ela as oportunidades tanto para quem quer conteúdo quanto para quem produz. Basta entender este modelo e participar dele ou, morrer na praia.

\* Artigo originalmente publicado no blog Dirty & Ugly web em <http://itweb.com.br/blogs/o-que-jack-sparrow-ja-sabia/>

Licenciado sob Creative Commons de acordo com os termos existentes em <http://www.michelazzo.com.br/paulino-michelazzo/licenca-de-uso>